

CAMÕES E O JÁO

SCENA DRAMATICA

POR

CASIMIRO D'ABREU



R 5-93

PREÇO 80 réis

lms

LISBOA

112 — Typ. do Panorama, Rua do Arco do Bandeira — 112

1867

S. L. R.

73, 4, 10

OBRAS

DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR,

E SE VENDEM

NA SUA LOJA, RUA AUREA N.º 132 E 134

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837. Uma collecção de 15 vol.,	22:000	A Herança do Chancellor, c. em 3 actos em verso, 1 vol. 8.º fr.	400
Encadernada.....	27:000	Pedro. d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol 8.º fr.....	400
Illustraçã		A Pobreza envergonhada, d. em prologo, 1 vol. 8.º	480
riodico		480
por mu		l. 8.º fr.....	720
ctos. T		d. em 5 actos....	300
papel..		ARES FRANCO	
Encade		l. 8.º fr. contendo	1920
Historia		NIO DE SERPA	
ocasiã		4 actos e 6 quadros	400
M. el-r		400
folheto		Despacho, c. em 3	320
M.		8.º fr.....	320
Obras co		MEIDA E ARAUJO	
postas		ainha D. Maria II.	6:750
Silva,		vol. em folio ...	6:750
do bios		lauração de Portu-	
bre o p		historico em 4 actos	300
bello d		um prologo.....	300
Eneida de		ranças, poesias....	500
o texto		DÉ MENDONCA	
Natureza		litteratura contem-	720
Tito Livio		vol. 8.º fr.....	720
do original latino para verso		ridos, c. em 3 actos	400
portuguez, 2 vol. 8.º	800	1 vol. 8.º fr.....	400
Medicina Legal , por Sédillot, 2.ª			
edição augmentada de notas,		L. A. PALMEIRIM	
2 vol. 8.º fr.....	1:200	Poesias, 4.ª edição, correcta, 1	600
REBELLO DA SILVA		vol. 8.º fr.....	600
Fastos da Igreja, historia da vi-		Dois casamentos de convenien-	300
da dos Santos, ornamentos do		cia, c. em 3 actos, 1 vol....	300
Christianismo, com censura e		Como se sobe ao poder, c. em 3	400
auctorisação do patriarchado,		actos, 1 vol. 8.º fr.....	400
2 vol. 8.º fr.....	960	O Sapateiro d'escada , c. em 1	160
A Mocidade de D. João V , c. d		acto, 1 vol. 8.º	160
em 5 actos.....	480	A Domadora de feras , c. em 1	160
Othello ou o Moiro de Veneza ,		acto, 1 vol 8.º fr.....	160
l. em 5 actos, imitação — 1		A. CEZAR DE LACERDA	
vol. 8.º fr.....	300	Um Risco, c. em 2 actos.....	160
MENDES LEAL JUNIOR		Scenas de familia, c. em 2 actos.	320
Os Homens de Marmore, d. em		A Duplice existencia , c. em 4	240
5 actos, 2.ª ed. 1 vol. 8.º fr.	360	actos.....	240
Homem de Ouro , d. em 3 actos,		A Probidade , c. em 2 actos e 1	300
continuação dos Homens de		prologo, 2.ª ed	300
Marmore, 1 vol. 8.º fr.....	300	Os Filhos dos trabalhos , d. em	360
		4 actos.....	360



CAMÕES E O JÁO

SCENA DRAMATICA, ORIGINAL

DE

CASIMIRO DE ABREU

REPRESENTADA NO THEATRO DE D. FERNANDO EM 18 DE JANEIRO
DE 1856.



LISBOA

112 — *Typ. do Panorama, Rua do Arco do Bandeira* — 112

—
1867



136962 AA
4959

51-5.401.

PROLOGO

A 13 de Novembro de 1853, encostado pensativo ao mastro de ré do vapor «Olinda», transpunha a barra do Rio de Janeiro em demanda das costas de Portugal. Com que dor tinha os olhos fitos n'aquellas paizagens soberbas que pareciam apagar-se pela distancia! Quando deixei de ver as vagas enroladas baterem nos rochedos; quando as montanhas que se desenhavam ao longe, sumiram-se no horisonte, o pranto correu-me pelas faces, como nunca havia corrido. Eu chorava deveras como hoje suspiro saudoso, porque era a patria que eu deixava; a terra onde nasci; porque lá ficava meu pai e minha mãe, meus irmãos, tudo que de mais caro tinha no mundo!

Ai! é triste e solemne esse momento cruel. Vagando na amplidão dos mares, alongando saudoso a vista e os olhos só vêem o azul do céu confundir-se ao longe com o azul das vagas! Os joelhos tremulos, dobram-se; os labios ardentes de desespero murmuram meu Deus! minha patria! minha mãe! o pranto corre livre e o peito arqueja e cança.

E todas as noites quando pelo postigo do meu beliche via o firmamento salpicado d'estrellas, soltava um suspiro. Quando no outro dia contemplava o sol no occaso, dourando com seus raios moribundos as nuvens acastelladas no poente, suspirava tambem! Quizera ver esse mesmo céu estrellado nas lindas noites da minha terra, quando os raios da lua brincam com as flores do prado e adormecem nas agoas quietas do rio. Quizera ver o astro do dia em vez de se mergulhar nas vagas, esconder-se por traz das collinas, reflectindo seus pallidos e ultimos fulgores na cupula elevada do campanario da aldeia. Quizera ver tudo isso... e a patria já estava tão longe!...

Depois, mais alguns dias de balancear monotono sobre as

agoas, e pizei terra extranha. Era este Portugal velho e caduco que hoje dorme um somno longo á sombra dos louros que ganhou outr'ora: era este Portugal que ainda repercute o tinir das armaduras e das espadas de seus guerreiros extintos; era este Portugal que ainda repete as doces harmonias exhaladas de tantas lyras sonoras; era este Portugal, patria de meus avós, mas não minha patria. Aqui falla-se a mesma lingoa que se falla no Brazil; aqui tambem ha sol, ha lua, ha aves, ha rios, ha flores, ha céu... mas o sol da minha terra é mais ardente, a lua mais suave, o canto das aves é mais terno, os rios são mais soberbos, as flores tem mais perfumes, o céu tem mais poesia.

Já dois annos se passaram longe da patria. Dois annos! Diria dois seculos. E durante este tempo tenho contado os dias e as horas pelas bagas do pranto que tenho chorado. Tenha embora Lisboa os seus mil e um attractivos, oh eu quero a minha terra; quero respirar o ar natal, o ar embalsamado d'aquellas campinas ridentes; quero aspirar o perfume que exhalam aquelles bosques floridos. Nada ha que valha a terra natal. Tirai o indio do seu ninho e apresentai-o d'improviso em Paris: será por um momento fascinado diante d'essas ruas, d'essas praças, d'esses templos, d'esses marmores; mas depois fallam-lhe ao coração as lembranças da patria, e trocará de bom grado ruas, praças, templos, marmores, pelos campos da sua terra, pela sua choupana na encosta do monte, pelos murmurios das florestas, pelo correr dos seus rios. Arrancai a planta dos climas tropicaes e plantai-a na Europa: ella tentará reverdecer, mas cedo pende e murcha, porque lhe falta o ar natal, o ar que lhe dá vida e vigor. Como o indio, prefiro a Portugal e ao mundo inteiro, o meu Brazil, rico, magestoso, poetico, sublime. Como a planta dos tropicos, os climas da Europa infezam-me a existencia, que sinto fugir no meio dos tormentos da saudade.

Feliz aquelle que nunca se separou da patria! Feliz aquelle que morre debaixo do mesmo céu que o vio nascer! Feliz aquelle que póde receber todos os dias a benção e os affagos maternos! Mil vezes feliz, porque não sente esta dor que me arranca do peito as lagrimas ardentes que me escaldam as faces. Mas eu conservo ainda a esperanza, esse anjo lindo que nos sorri de longe. E quem deixará de ter esperanças? Só o desgraçado, que, crestada a fronte pelo halito maldicto das tempestades da vida, solta em um dia de desespero a blasfemia atroz: não creio em Deus!... Só esse.

Eu, não. Estou na idade das illusões; e arde-me no peito o fogo dos meus dezeseite annos; creio em Deus do fundo da minh'alma, como o justo crê na recompensa divina. Sim, um dia verei a minha patria, os meus unicos amores; um dia entre prantos e soluços abraçarei minha mãe; um dia... á sombra triste da funerea cruz descansarei na mesma terra que me vio nascer. Deus é justo. O dia em que devo sentir uma nova vida, chegará. Esperemos.

No dia 18 de Janeiro representou-se no theatro de D. Fernando a scena dramatica «Camões e o Jão» primeira composição minha, ao menos a primeira que passou da pasta dos meus acanhados ensaios ao dominio da critica. Ninguém é mais do que eu, conscio dos innumerados defeitos que tem. Bem se vê que essas notas são tiradas pelas mãos tremulas d'um novato, na mais humilde e desconhecida lyra. No entanto foi recebida no meio de bravos e applausos.

Mas esses applausos e esses bravos, comprehendi-os bem. Não eram a corôa de louros que me lançaram, coroando o merito da peça. Não. Eram as vozes d'um povo amigo e hospitaleiro, que bradavam — «ávantel!» ao joven que na carreira das letras encetava o seu primeiro passo.

Obrigado, mil vezes obrigado. Dissestes: ávante? Bem; eu tentarei proseguir o trilho. Maldicto o que espesinha sem piedade a flor que tenta desabroçar! Aos dois actores que a desempenharam tão bem, renovo os meus agradecimentos. São o sr. Braz Martins e o sr. Santos.

O sr. Braz Martins tem a sua reputação feita como escriptor e como actor; não carece dos meus elogios. Só lhe podem negar o merito litterario e artistico, almas baixas movidas por paixões mesquinhas. Demais, digo-o aqui com franqueza, cabe-lhe dupla gloria: foi elle quem me deu o pensamento da scena dramatica. O sr. Santos é um joven de bastante merito, para quem o futuro sorri auspicioso. Um dia, n'essa carreira d'espinhos, ha de ter a fronte coroada de flores.

Agora, offereço esta minha producção a duas pessoas, ambas no Brazil. É ao meu antigo lente e amigo o ill.^{mo} sr. Christovão Vieira de Freitas, e ao meu amigo e collega Christovão Corrêa de Castro, que segue o curso de direito na academia de S. Paulo.

Ao primeiro, peço que quando ler o «Camões e o Jão» vá riscando e emendando com o lapis os muitos versos duros que lhe ferirem os ouvidos. As suas emendas são regras para mim.

Ao segundo, que foi meu companheiro d'estudos durante quatro annos no Instituto «Freese,» rogo de me recomendar a todos os collegas d'esse tempo tão feliz. Quando nos separámos em Nova Friburgo, de certo não foi para sempre. Ainda um dia hei de ouvir o canto melodioso e terno do Sabiá; ainda um dia nos veremos.

Lisboa, 27 de Março de 1856.

CASIMIRO ABREU.

CAMÕES E O JÃO

A SCENA REPRESENTA UMA CASA POBRE; AO FUNDO UMA PORTA, DO LADO DIREITO UMA JANELLA E UM BRAZEIRO: EM DISTANCIA, DO LADO ESQUERDO, UMA CAMA ORDINARIA E UMA CADEIRA; JUNTO AO BRAZEIRO UMA BANCA PEJADA DE MANUSCRIPTOS.

(São dez horas da manhã).

Ao levantar do panno ouve-se o ribombar longiquo do canhão. O poeta, deitado, recolhe attento aquelles sons que pouco a pouco se esvaecem; depois assenta-se.

SCENA UNICA

CAMÕES E DEPOIS ANTONIO.

CAMÕES

Que sons são estes que do Tejo a brisa
Trazer me vem no susurrar macio?
Julguei ouvir o rufo dos tambores,
Ou o estridor pelos eccos repetido
De bronzeas bôcas a rugir nas vagas.

(Erguendo-se)

Ribombo do canhão! signal de gloria
Para as sempre fortes vencedoras Quinas
Impavidas hasteadas nas muralhas
Das fortalezas indicas vaidosas,
E tremulando na soidão dos mares
Que ao jugo luzitano a cerviz curvam!

Trombeta do combate! quando soas,
Bater tu fazes com dobrada força,
Com fogo ethereo coração ardente
Que em peito portuguez livre palpita.

(Com enthusiasmo)

Meu Portugal tão bello e tão valente!
Torrão formoso, terra de magia,
Ricos sonhos do poeta, meus amores,
Sim, meus amores, que os que tive outr'ora...
Calla-te coração... já não existem!

(Caminhando com custo para a janella)

De primavera que formoso dia!
Que azul de céu tão puro e tão sereno!
Como corre o meu Tejo socegado!
Meu patrio Tejo, que cantei saudoso
No exílio amargo tantos annos... tantos!

(Commovido)

Oh quantas vezes de Macáu na gruta
Por ti, por Portugal eu soluçava!

(Retirando-se da janella)

Para que me hei de recordar do exílio?

(Assentando-se na cadeira)

Passado é já. Vejamos o futuro.

(Curva a frente)

ANTONIO

(Entrando e aproximando-se de manso—à parte)

Como está pensativo! sempre triste!

CAMÕES

Quem entra do mendigo na choupana?

(Repuxando)

É jáo, meu pobre, meu sincero amigo.

ANTONIO

(A' parte)

Chamar-me amigo! a mim, ao proprio escravo!
Escravo... que os grilhões contente beija!

CAMÕES

Meu Antonio para mim não trazes nada?

ANTONIO

Fui buscar pão... nem um seutil me deram!

CAMÕES

Resignação e fé, que Deus é justo.

ANTONIO

Resignação, dizeis! Mas ah! que tendes?
Tão palido vos vejo e tão mudado!
Depois que vos deixei soffrestes muito?

CAMÕES

Meu amigo, socega; nada tenho.

ANTONIO

(*A' parte*)

E tornou-me a chamar o seu amigo!
Igual affecto, quem pagal-o pôde?

CAMÕES

Dizes que tenho a palidez no rosto?
Não repares; a côr fugiu ha muito.
Eu soffro, sim, mas quasi que o não sinto.
É a vida a soltar o arranco extremo
Já prestes a findar, como no templo
Á mingoa d'oleo, ao despontar da aurora
A lampada que ardeu durante a noute
Palida brilha, bruxulêa... e morre!

ANTONIO

Por Deus vos peço, não falleis em morte.

CAMÕES

Se eu a sinto chegar a passos largos!
Muito não tardará que o corpo inerte
Vá sobre a terra descansar para sempre.
Uma existencia cheia de desgostos,
As mais douradas illusões desfeitas,
Findos os sonhos, a esperança extincta...
Oh de que vale o proloagar-se a vida?
Sim, brevemente cerrarei os olhos.
Morrerei pobre, velho, despresado...
Com um amigo só, que és tu, Antonio.

ANTONIO

(*Cahindo-lhe aos pés*)

Oh meu seuhor!

CAMÕES

Terei um peito ao menos
Onde então possa reclinar a fronte,
Uma lagrima derramar sandosa,
E dizer expirando o nome d'ella!
(*Erquendo com doçura a cabeça do jáo*)
Antonio, diz-me cá; tu nunca amastes?

ANTONIO

(*Erquendo-se*)
Se tenho um coração!... Eu amo muito
A terra onde nasci, a minha Java:
A meus pais eu amei como bom filho
E a vós, ó meu senhor, hei de amar sempre.

CAMÕES

Na tua vida uma mulher não houve
Que igual affecto te inspirasse ainda?
Por quem sentisses atracção immensa?
Em que louco pensasseis, sempre, sempre,
Mesmo dormindo, em sonhos bem fagueiros?
Uma mulher, enfim, por quem no peito
Forte paixão te ardesse ou um desejo?
Uma mulher, um anjo, cujo nome
O tivesses nos labios e na mente;
Escripto o visseis na corrente branda
Que sobre seixos se deslisa quieta,
N'um céu d'anil, na flor do prado, em tudo?
Que t'o dissesse a brisa perfumada
Lasciva perpassando pelas flores,
O murmurar da fonte cristalina,
No firmamento o scintillar dos lumes,
Que o mundo inteiro te fallasse d'ella?
Um anjo, a quem no delirar ardente
Aos pés prostrado — amor! — dissesse terno?

ANTONIO

Sim, sim; uma mulher eu amei muito.
Era tão bella! A mesma cor que tenho,
Ella tinha tambem; era de Java.
A infancia ambos passamos sempre juntos
Brincando alegres pelos campos lindos.

Passaram-se os folguedos, e sósinhos
À fresca sombra dos gentis palmares
Que enfeitam a minha ilha tão formosa,
Mil fallas de ternura lhe fallava,
Mil esp'ranças risonhas eu nutria.
Era muito feliz o pobre escravo!
Depois... tão moça ainda ella finou-se!
O que eu chorei! É a dor pungente e amarga
Até a morte sentirei n'esta alma
Que outro amor como aquelle tão sincero...
Oh senhor! o pobre jáo não terá nunca.

CAMÕES

Pois escuta: eu amava com excesso
Na terra uma mulher muito formosa
Que a sorte cega colocou mui alta.
Mas o pobre Camões não tinha um nome,
Não podia offrecer-lhe a mão d'esposo!
Ai loucos! por ventura um sentimento
Quereis moldal-o a conveniencias futeis?
Quem é que ao coração jámais deu regras?
Sem demora parti, buscando a gloria.
Longos annos vaguei saudoso e errante,
Ora embalado pelas bravas ondas
Do oceano em furia grande, ouvindo os uivos
Da procella a bramir forte e medonha;
Ora chorando os prantos do proscripto
Nos ermos montes de longiquas plagas.
Que saudades que eu tinha d'esta terra,
D'estas veigas risonhas, d'estas fontes,
D'estas flores mimosas, d'estes ares!
Nunca n'aquellas regiões tristonhas
O riso de prazer me veio aos labios.
Em vão eu quiz beber uma harmonia,
Uma inspiração celeste, radiante!
Lá não trinava o rouxinol gorgeios
Na balseira virente em noite bella,
Quando a lua prateada se retrata
Sobre as agoas do lago socegado;
Lá não ouvia a gemebunda rôlla
Gemer saudosa... que entristece tanto!
Lá não sentia a vespertina aragem
Vir bem de manso bafejar-me a lyra,

Que nunca mais soltára hymno festivo!
Tudo alli respirava só tristeza!
E durante esses annos tão compridos,
Esses annos d'ausencia e de tormentos,
A imagem de Natércia eu via sempre.
Uma vez que tranquillo adormecera,
De subito me ergui todo convulso...
Sonho horrivel me havia despertado.
Sonhei-a fria, já sem vida... morta!
Aquelle corpo airoso, inanimado!
Aquelles lindos olhos já sem brilho!
Os labios purpurinos já cerrados,
Mas que no entr'abrir final, balbuciarão
Camões! Camões! ainda com ternura!
Vacilante os cabellos apartava
Com a tremula mão da fronte em gêlo...
Visão não era; realidade pura!
Era morta a mulher que eu tanto amava,
Morta .. na flor da vida!... ella era um anjo!
Desde esse dia então morri p'ro mundo.
As lagrimas de dor verti as todas,
Depois... não chorei mais, soffria mudo.
De roxo junto á cruz, constricto orava,
Orava toda a noite só por ella.
A Deus pedia o termo de meus dias,
Que entre os anjos no céu vel-a quera.
Já que na terra os homens, sem piedade,
Me haviam d'ella separado sempre.
Mas o Eterno não quiz. Curvei a fronte.
Quereis que esgote o calix da amargura?
Submisso e prompto está o servo humilde.

(Apontando para a banca)

Olha, Antonio, dá-me aquelles versos.

(Recebendo-os)

Sim, são estes que fallam de Natércia
Com todo o fogo d'um amor eterno.
Eis o signal das lagrimas cahidas
Sobre o papel quando tracei as linhas.
Lagrimas quentes, lagrimas de sangue,
Arrancadas por uma dor immensa.

(Beijando-os)

Oh quero lêl-os, lêl-os novamente.
Foi este canto luctuoso e triste

Ultimo harpejo que soltei gemendo.
Ai! quando d'esse dia me recordo,
Involuntario o pranto se desprende.
É uma corda que se vai da lyra,
Mais uma fibra que do peito estalla,
Mais um gemido que rebenta d'alma,
—Derradeiro estertor do agonizante—
Um gemido que diz: além a—campa!

(*Assenta-se e lê:*)

Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo d'este mundo descontente;
Repousa lá no céo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

.....

ANTONIO

(*A' parte*)

Alli n'aquelle leito tão mesquinho
Repousa o maior vate d'este mundo!
P'r'o sepulchro inclinada a fronte nobre
Quasi a sumir-se como o sol no occaso,
Um ai não solta nem um só que seja!
Callado soffre, soffre, e não murmura!
Só eu é que conheço o que padece:
Com fome ha tantas horas e não tenho
Enr casa, nada que lhe dê agora!
Se pudesse passar sem mim ao lado...
Se pudesse! inda sou rapaz, sou forte,
De noite e dia trabalhava sempre
E do trabalho o lucro era para elle,
Era só p'ra Camões. Mas eu não posso,
Não posso abandonal-o um só momento...
Tão fraco; até lhe custa a dar um passo
Eu vou de porta em porta, a mão estendo,
Peço pão, não p'ra mim, mas p'r'o poeta...
E só parece que a rochedos fallo,
Ninguem attende á supplica do pobret
De dor eu choro quando peço esmolla
E vejo que m'a negam tão sem alma.
Filhos de Portugal! ó portuguezes!
Viveis entregues aos festins maldictos
Sem vos lembrar que na miseria triste

Enfermo geme, moribundo quasi,
Um portuguez tambem, um vate illustre?
Ah! sois malvados corações de pedra!
Sim, sois malvados! O perdão do poeta,
De certo o tendes, porque é bom, perdôa;
Mas dos seculos futuros, com justiça,
Anathema tereis e fulminante,
Da infamia o ferrete desprezível
E a voz de Deus vos bradará severa:
«Assassinos, assassinaste o vate!»
(*Ouvem-se salvas repetidas, ao longe*)

CAMÕES

Antonio?

ANTONIO

Senhor!

CAMÕES

Saberás dizer-me
Por que em signal festivo o canhão trôa?

ANTONIO

É a sandação banal das fortalezas
Ao rei, á esquadra, que transpõem a barra,
E que entregues aos ventos inconstantes
Destemidos se vão plantar ousados
O estandarte da Cruz em terras d'Africa.

CAMÕES

(*Erguendo-se, agitado*)

Sim, elles vão... mas é buscar a morte,
Quem antevera que d'um povo a ruina
Pelo seu proprio rei cavada fosse?
Ó campas nobres, já no pó envoltas,
De Nuno, d'Albuquerque e de Pacheco:
Descerrai-vos, surgit que esses gigantes,
Patriotas bravos, semi-deuses luzos,
Erguendo-se do somno eterno um pouco,

Depressa venham sustentar a patria
Que ameça cahir, cahir p'ra sempre!

(Caminhando para a janella e fallando para fora)

D. Sebastião, monarcha temerario,
Parai! parai! que não ireis mancebo,
Sepultar nas arêas africanas
De tantos sec'los, n'um só dia a obra.
Se não ouvis meu brado, por ser fraco,
Oh! escutai, senhor, o pranto amargo
Do pai, da mãe, da esposa e do filhinho
Que vos pedem o filho, o pai, o esposo,
Que sem dó arrancaes dos lares patrios
P'ra sepulchro lhes dar em terra extranha,
Mas ah! sois surdo; vossas náos já partem,
O Tejo deixam... no horisonte somem-se...
Um dia dareis conta d'essas victimas.

*(Retirando-se da janella e como que subitamente ins-
pirado)*

Que luz celeste me esclarece agora?
Que sombras estas que vagueam tristes,
Que se deslisam silenciosas, quietas,
Fantasmas negros na mudez da noute?!...
Que campo é esse que se alaga em sangue,
Theatro horrivel onde impera a morte?!...
Oh! d'Alcacer-Quivir plagas maldictas
Que presencéas n'um só dia a queda
Da nação entre todas a mais nobre!
Ah! vergonha p'r'as armas portuguezas!
No calor da peleja que se trava,
Parte-se a folha da ligeira espada
E o alfange como, anjo de exterminio.
Prostra exangues, sem dó, esses valentes
Que em cem batalhas não tremeram nunca!
Os soldados de Christo já recuam
Pelas imigas hostes esmagados,
O regio elmo pelo campo rolla...
Calcada está de Portugal a c'roa,
Nosso pendão cahiu... quebra-se o sceptro...
E D. Sebastião ouzado e joven
Eil-o que tomba do ginete altivo
Com vida ainda, p'ra não mais erguer-set
Elle, nobre dos nobres lusitanos,
Ao lado do peão lá geme, espirat

—A morte nivelou o throno e a choça.—
Mas que ouço?! Estes canticos selvagens...
Este alarido e gritos de victoria..
De triumpho infeliz os solta um povo!
As mauras meias-luas lá tremulam
Dos christãos sobre as tendas tão vaidosas;
Lá resôa o clarim cantando um hymno
Que contentes os eccos o repetem
Pelo negror das trevas que caminham
A cubrir com o sudario da vergonha
A purpura real, d'um rei o corpo!
Ouve-se ainda um brado... extincto é tudo!
A gloria e o nome portuguez morreram!
E este tinir de ferros?! São algemas,
São grilhões que nos vem lançar Castella!
Termos de supportar extranho jugo...
Soffrer da escravidão a morte lenta...
Um nobre portuguez responde—nunca!

ANTONIO

(*A' parte*)

A febre do delirio que o devora!

CAMÕES

Eu á patria sobreviver não quero.
Quem d'este Portugal cantou as glorias
Não pôde a Portugal na mesma lyra
Desferir o canto funebre saudoso.
Se a patria é morta, heide morrer com ella.
Hei de sim, hei de sim, porque n'esta alma
Era o affecto maior que ora existia.
Oh! que a mesma mortalha nos envolva;
E o canto d'alma apaixonado e terno
Em que humil le exaltei a fama tua,
Que as chaminas o consumam; que hoje mesmo,
De Luiz de Camões não tenha o mundo
Nem sequer uma trova de seus dias...
Ben poucos de prazer, de dor bastantes!
Queimem-se todos, queimem-se esses versos,
D'esta alma parte, que escrevi mil vezes
Com pranto amargo deslizado em bagas.

Eia! coragem!

(Lança ao fogo alguns manuscritos e vai buscar os Luziadas.)

ANTONIO

Os Luziadas, nunca!

Por quem sois, suspendei! sou eu que o peço;

Que não se queima assim n'um só momento

D'um poeta immortal a rica c'róa

E o mais nobre brasão d'um povo inteiro.

Oh! von salvai-os.

(Corre para Camões)

CAMÕES

(Lançando-os ás chammaes.)

Jão, nem mais um passo,

ANTONIO

(Tirando-os.)

Eil-o, o laurel d'um vate!

CAMÕES

Que fizeste?!...

ANTONIO

(Erguendo o poema.)

Se é verdade que tua patria é morta,

Este poema lembrará ao mundo

Que houve outr'ora um Portugal gigante

E—Camões— fôra seu cantor sublime.



FIM

CAMÕES E O JÁO

SCENA DRAMATICA ORIGINAL

REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ NO THEATRO DE D. FERNANDO
NA NOITE DE 18 DE JANEIRO DE 1856.

PERSONAGENS:

CAMÕES *Sr. Braz Martins.*
ANTONIO. « *Santos.*

Uma Lição de florete, c. d. em 3 actos.....	180
Trabalho e honra, c. em 3 actos.....	300
A Aristocracia e o dinheiro, c. em 3 actos.....	300
Coração de ferro, d. phantastico em 5 actos.....	300
O Chale de Cachemira, comedia em um acto, por Alexandre Dumas. Traduzida livremente por A. Cesar de Lacerda.....	220
E' perigoso ser rico, comedia em um acto.....	160
As joias de familia c. d. em 3 actos.....	300

MENDES LEAL ANTONIO

Poesias, 1 vol.....	500
Abel e Caim, c. em 3 actos.....	240
Uma Victima, d. original em 3 actos.....	160
Dór e Amor, c. d. em 3 actos.....	200

I. D'ABOIM

A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos.....	240
O Recommendado de Lisboa, c. em 1 acto.....	80
O Homem põe e Deus dispõe, c. em dois actos.....	120
As nodos de sangue, d. em 3 actos.....	160
Cada louco com sua mania, c. original em um acto.....	100

I. M. FEIJOO

Lamões do Rocio, c. em 3 actos.....	300
A Torre do Corvo, d. em 4 actos e um prologo.....	400
Carlos ou a Familia de um Aventureiro, c. em 4 actos.....	240
Pedro Cem, c. em 5 actos.....	300
Remechido, o Guerrilheiro, d. em 3 actos.....	300

E. BIESTER

Um Quadro da vida, d. em 5 actos.....	480
A Redempção, c. d. em 3 actos.....	360
Duas epochas da vida, c. em 2 actos.....	240
Uma viagem pela litteratura contemporanea.....	200
As obras de Horacio, imitação, comedia em um acto.....	120
Um homem de Consciencia, c. em 2 actos.....	160
O Maestro Favilla, drama em 3 actos.....	200

ALFREDO HOGAN

As Brasileiras, c. d. em 3 actos.....	300
Ninguem julgue pelas apparencias, c. d. em 3 actos.....	360
Os Dissipadores, c. em 4 actos.....	400
É melhor não experimentar, c. em 1 acto.....	200
Memorias do Coração.....	240
A Irmã de Caridade, c. em 2	

actos.....	160
Duas mulheres da epoca, romance contemporaneo.....	240
O Marido no Prêgo, c. em um acto.....	160
Já não ha tolos!... c. em um acto.....	80
Não despreze sem saber, c. em um acto.....	120
O Colono, c. d. em 3 actos.....	160
Segredos do Coração, c. d. em 3 actos.....	200
O Juizo do Mundo c. d. em 3 actos.....	240
A Mascara Social, c. d. em 3 actos.....	200
A Pelle do Leão, c. d. em 3 actos.....	200
A Roda da fortuna, c. d. em 3 actos.....	160
Nem tudo que luz é oiro, c. d. em 3 actos.....	200
O dia 1.º de Dezembro de 1640, c. heroica, original em 3 actos.....	200
O ultimo dia dos Jesuitas em Portugal, drama original historico portuguez em 8 quadros 4 actos e um epilogo.....	200

JULIO CESAR MACHADO, E ALFREDO HOGAN

A Vida em Lisboa, c. d. em 4 actos.....	300
Primeiro o dever! c. d. em 3 actos.....	160

F. EVARISTO LEONI

Genio da Lingua Portugueza... 1:800	
-------------------------------------	--

J. C. DOS SANTOS

O Segredo d'uma Familia, c. em 3 actos.....	210
O Pae prodigo, comedia em 3 actos.....	120
O Homem das Cautelas, c. em 2 actos.....	180
Gil Braz de Santilhana, comedia em 3 actos.....	180
Maria, ou o Irmão e a Irmã, c. em 3 actos.....	200
Uma chavena de chá, c. em um acto.....	120
Convido o coronel!!... c. em um acto.....	100
A Herança do tio Russo, c. em 3 actos.....	220

HENRIQUE VAN-DEITERS

Poesias, 1 vol.....	360
Os moedeiros falsos, c. d. original em 3 actos.....	160
Dois cães a um osso, c. em 1 acto.....	100
Não envenenes tu, a mulher qui-proquo em 1 acto.....	120
Scenas intimas, comedia-drama em 1 acto.....	100

JOAQUIM AUGUSTO DE OLIVEIRA

A Corda de Carlos Magno peça magica de grande espectáculo	
---	--

em 4 actos 1 prologo, e 21 quadros, formada sobre a lenda— Les quatre fils Aymon.....	329	O Arrependimento salva, drama em um acto.....	100
A Costureira, c. em um acto....	100	Fernando, comedia-drama em 4 actos.....	200
Erros da Mocidade, c. em 3 actos.	160	J. I. DE ARAUJO	
A ave do Paraizo, comedia-magica em 20 quadros, formando 3 actos.....	360	A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em 3 actos.....	160
O paraizo perdido, ou a creação e o Deluvio, peca biblica em 1 prologo, 3 actos, e 1 epilogo, formando 21 quadros.....	360	A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em 3 actos.....	200
MANUEL ODORICO MENDES		Um Bico em Verso, scena comica.....	60
Opusculo ácercá do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez.....	200	O Principe Escarlate, tragedia burlesca em 2 actos em verso.	180
I. DE VILHENA BARBOSA		Um homem que tem cabeça; c. em um acto.....	100
Cidades e villas da Monarchia Portugueza que teem Brasões d'Armas: 3 vol. 8.º fr. com estampas lytographadas.....	3:000	Ultimos momentos d'um Judas; entre-acto tragico-burlesco....	80
JULIO CESAR MACHADO		JOSE BENTO D'ARAUJO ASSIS	
A esposa deve acompanhar seu marido, c. em um acto.....	140	O segredo d'uma esmola, c. d. em 2 actos.....	180
O Capitão Bilterlin, c. em um acto.....	140	As duas paixões, c. em 1 acto..	120
ARISTIDES ABRANCHES		Deus nos livre de mulheres, c. em um acto, ornada de coplas..	120
Sambul, c. em 3 actos e 9 quadros.....	300	J. A. DE MACEDO	
A mãe dos escravos, d. em 4 actos.....	200	A Creação, poema pelo P. José Agostinho de Macedo.....	120
Como se descobrem... mazellas, c. em 1 acto.....	120	ERNESTO MARECOS	
Trovoadas de maio, c. em 1 acto	160	As Primeiras Inspirações,—Poesias.....	600
Os dois pescadores, c. em 1 acto.	80	Juca, a Matumbolla—Lenda....	160
Nem todo o mato e oregãos, c. em 1 acto.....	160	Savitri, lenda indiana.....	140
J. R. CORDEIRO JUNIOR		As Confidencias, e—Uma Surpresa—	400
Amor e arte, drama em 3 actos.	220	MANUEL MARIA PORTELLA	
		Ensaos poeticos.—Poesias.....	400
		OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES	
		Cirurgia e medicina 1 vol.....	360
		Camões e o Jão, scena dramatica.	100
		A Vingança, comedia em 1 acto.	80
		O que é o destino, comedia em 1 acto.....	100
		Trevas e luz, drama em 5 actos..	300

COLLECCÃO DOS CLASSICOS PORTUGUEZES

ACHÃO-SE Á VENDA.

Elucidario das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram, e hoje se ignoram, por Fr. Joaquim Santa Rosa de Viterbo, 2 vol. in folio a 2 col. 4\$000.	Padre Simão de Vasconcellos, 2 vol. em 4.º, 1800.
Historia de S. Domingos, por Fr. Luiz de Sousa, 6 grossos vol. em 4.º, 7\$200.	Trabalhos de Jesus, por Fr. Thomé de Jesus, 2 vol. em 4.º, 1800.
Chronica da Companhia de Jesus, pelo	Origem e Orthographia da Lingua portugueza, por Duarte Nunes do Leão, 1 vol. 500 rs.
	Reflexões sobre a lingua portugueza, por Francisco José Freire, 3 vol. 720 rs.

NO PRELO

Memorial dos Cavalleiros da Tavola Redonda, por Jorge Ferteira de Vasconcellos.	Estera, por Pedro Nunes.
Aulegrafia, idem.	Nobliarchia portugueza, por Villas Boas.
Historia do Brazil, por Rocha Pita.	Memorias da mocidade, pelo Conego Soares Franco.
Nova Lubitana, Guerra Brasifica, por Brito Freire.	Sermões, 5.º e 6.º vol., idem.
Corographia portugueza, pelo Padre Carvalho.	Ernesto Marecos.
Mappa de Portugal, por J. Baptista de Castro, continuado até ao presente.	O Thesouro de Fafair, legenda extrahida das tradicções germanicas, sobre a morte de Attila, idem.
	A Cruz pelas riquezas, romance historico, original de Carlos Pinto d'Almeida.